

# Saterés lutam para preservar cultura

Em meio às dificuldades para se adaptar ao centro urbano, índios saterés-maués tentam manter suas características culturais, em conjunto

Entre os artesãos que estão expondo seus trabalhos na 1ª Feira de Artesanato Regional, instalada na Praça Tenreiro Aranha, Centro, há um grupo bem peculiar: são índios sateré-maué, cuja cultura tem despertado o interesse para estudos acadêmicos, mas que também são conhecidos popularmente por terem o nome da tribo associado à produção e à lenda do guaraná ou por terem sido tema de toadas de boi-bumbá.

Apesar de tão falados e cantados, têm uma história ainda desconhecida para os outros e, às vezes, para eles próprios. "Aqui na cidade não dão valor para a cultura da gente. Mas também têm de nós que vem para a cidade e não querem mais ser sateré", conta a artesã Zeila da Silva Vieira, 34, da etnia sateré-maué.

Zeila conta que foi a primeira da aldeia a vir para Manaus. Há 22 anos. Trouxe junto o compromisso de conseguir dinheiro para ajudar a sustentar sete irmãs menores e a mãe, que havia ficado viúva. "Pensava em trabalhar, estudar, ganhar dinheiro e ter alguma coisa na vida", conta. Nem tudo se realizou.

Mas o atrativo da cidade continuou tendo efeito entre os indígenas. Hoje vieram tantos, que ficou "apertado" morar lá. "Já estão fazendo casa uma em cima da outra", diz, referindo-se ao local onde residem 15 famílias sateré, que aos poucos foram chegando na capital. A comunidade sateré-maué em Manaus mora numa área de invasão, dentro do bairro Redenção, na Zona Oeste.

Zeila visita todos os anos a aldeia Ponta Alegre, no município de Barreirinha, onde nasceu, e de lá traz material para confeccionar artesanato cuja venda é a base de sustentação da família. Da aldeia, Zeila conta as saudades: "Plantava milho, macaxeira, cará, jerimum, batata-doce, comia peixe, caça, fruta", relaciona. Em Manaus, conquistaram um espaço para morar, lutaram para conseguir serviços de água e energia elétrica e agora reivindicam saneamento na área, segundo conta Zeila.

No ir e vir entre a cidade e aldeia, os sateré-maué foram adquirindo um novo jeito de viver. Formaram organizações de caráter político e reivindicatório para traduzir suas necessidades e defender seus direitos na sociedade branca. As organizações atuam na área de saúde, educação, auto-sustentação. Articulam-se a partir de grupos de professores, de agentes de saúde, estudantes, associação de mulheres, tendo como referência o Conselho Geral da Tribo Sateré-Maué.

## Crianças aprendem a língua de origem

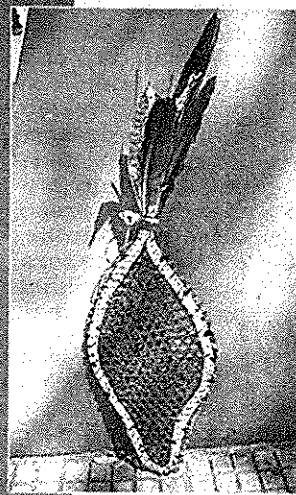
Moy Vieira, 23, nasceu e se criou em Manaus. A distância não a separou de sua cultura. Vivendo entre índios na área urbana, Moy conhece a língua de seu povo, faz artesanato, vai à aldeia participar das festas e colocou nomes indígenas em seus filhos: o menino Toy (pombo), 2 meses, e a menina Inara (pedra), 6 anos. As crianças convivem no mundo urbano, mas aprendem a língua sateré-maué em casa, ouvem histórias e brincam também com objetos indígenas.

Uma das histórias típicas dos sateré é a lenda do Timbó e do Guaraná, contada, de forma resumida, pela sateré Zeila Vieira: "O menino Timbó matou o tio dele. A mãe dele falou, chorando, que jogaria uma praga. 'Para onde for, ninguém vai gostar de ti' e o timbó (veneno para peixe) se transformou em veneno. Para o irmão Guaraná, disse 'seja um bom menino e todos vão gostar de ti'", conta.



Moy Vieira e a filha Inara (pedra, em sateré), 6, mantêm a tradição falando na língua original e fabricando peças de artesanato

## O artesanato sateré-maué



### Luva

É usada nos ritos de passagem do jovem para a vida adulta. O rapaz coloca as mãos na luva e deve enfrentar as ferradas da formiga tucandeira (tocandira) para se tornar homem forte, bom caçador e bom pescador.



### Zarabatana

Instrumento feito com madeira de paxiúba oca, de onde são lançadas flechas para pescaria. O pescador sopra a madeira oca para lançar as flechas, que são leves, revestidas de algodão natural.



### Iambé

É um instrumento musical, feito a partir de sementes de 'castanha de macaco'. O Iambé é amarrado na perna dos rapazes na dança da tucandeira, e com o movimento as sementes tem um efeito de percussão que dá ritmo à dança.



### Reco-reco

Instrumento de percussão, feito de bambu e pau-brasil. É usado na dança do Gambá, acompanhando o ritmo do tambor. O Gambá é dançado por pares e faz parte das diversões da tribo.

Fonte: Artesã Zeila Vieira, membro da tribo sateré-maué

## Onde encontrar

O quê: 1ª Feira de Artesanato Regional do Amazonas  
Onde: Praça Tenreiro Aranha (ao lado do Hotel Amazonas), Centro  
Quando: de segunda à sábado, durante o dia.